



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET
Trabalho de Conclusão de Curso

**A Brief History of Peace: línguas crioulas representadas por
Marlon James e Chinua Achebe**

Sofia Morong Rosty

BRASÍLIA

2017

SOFIA MORONG ROSTY

**A Brief History of Peace: línguas crioulas representadas por
Marlon James e Chinua Achebe**

Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia –
apresentado ao Departamento de Línguas
Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da
Universidade de Brasília para obtenção do título de
bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao
Multilinguismo e à Sociedade da Informação.
Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Alencar Pereira.

BRASÍLIA

2017

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET
Trabalho de Conclusão de Curso

SOFIA MORONG ROSTY

A Brief History of Peace: línguas crioulas representadas por

Marlon James e Chinua Achebe

Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia – apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília para obtenção do título de bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Fernanda Alencar Pereira – Orientadora
LET/IL/UnB

Profa. Amarílis M. L. L. de Anchieta

Profa. Norma Diana Hamilton

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha professora orientadora, Fernanda Pereira, por sua paciência e apoio durante a escrita deste trabalho e também por tudo que aprendi com ela nesses anos de UnB.

À minha família por sempre estar do meu lado me ajudando a ultrapassar todos e quaisquer obstáculos.

A Rudá Felix por sempre torcer por mim.

A todos os professores que cheguei a ter contato durante o curso, em especial a professora Susana Martinez.

À gestão Margaridas e todos os seus membros que me ensinaram que juntos conseguimos qualquer coisa.

E um agradecimento especial à Cinthia Militão e Priscilla Lohayne, por todo o suporte que me deram durante o curso de LEA-MSI.

The single story creates stereotypes, and the problem with stereotypes is not that they are untrue, but that they are incomplete. They make one story become the only story.
Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

Em países como a Nigéria e a Jamaica que possuem uma longa história de colonização e imposição da língua inglesa é possível perceber o uso de línguas crioulas para a comunicação do dia a dia. São essas línguas também que fazem parte da identidade do povo como um todo, porém elas ainda são vistas de formas pejorativas. Quando temos escritores que utilizam línguas crioulas para representar suas culturas não podemos ignorar esta quebra de paradigma de que literatura deve ser escrita com uma língua padrão. Com isso o presente trabalho visa analisar como os autores Marlon James, jamaicano, e Chinua Achebe, nigeriano, inserem línguas crioulas dentro das obras *A Brief History of Seven Killings* e *Civil Peace*. Para isso é preciso definir as línguas crioulas assim como outros conceitos importantes para seu entendimento como os contatos de línguas e pidgins. Será abordado como cada autor (re)constrói a língua que ele utiliza para representar a população de seu país.

Palavras-chaves: Línguas Crioulas, Nigéria, Jamaica, Literatura

ABSTRACT

In countries like Nigeria and Jamaica, that have a long history of colonization and imposition of the English language, the usage of creole languages in everyday communication. These languages are also part of the identity of the people, however they are still perceived in demeaning ways. When writers use creole languages to represent their cultures we cannot ignore a move away of the paradigm that literature should be written in a standard language. The present work aims to analyze how the Jamaican Marlon James, and Nigerian Chinua Achebe, insert creole languages inside the novel *A Brief History of Seven Killings* and the short story, *Civil Peace*. To do so, it is necessary to define creole languages and other important concepts to understand them such as language contact and pidgins. This work will be approach how each author build the language he uses to represent the people of his country.

Key-words: Creole Languages, Nigeria, Jamaica, Literature

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- NPE* - *Nigerian Pidgin English*
JP - *Jamaican Patois*
JSE - *Jamaican Standard English*
CPC - Contínuo Pós-Crioulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – Pidgins, crioulos e criouliização	12
Pidgins e Crioulos, justapostos na Jamaica e na Nigéria.....	15
CAPÍTULO 2 – Contextualização histórico-literária.....	19
A literatura na Nigéria	19
A literatura na Jamaica	22
CAPÍTULO 3 – As falas crioulas de James e Achebe	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
BIBLIOGRAFIA	29

INTRODUÇÃO

O alvo deste estudo é a representação literária das línguas crioulas dentro do contexto da Jamaica e da Nigéria. Para isso foram escolhidas duas obras, dos autores Marlon James e Chinua Achebe.

Marlon James é um autor jamaicano e um dos principais nomes literários do referido país na atualidade. O autor escreveu três romances, os quais foram aclamados pela crítica, sendo que o mais recente deles, ganhou o prêmio Man Booker Prize de 2015. Nascido no ano de 1970, sua mãe foi detetive da força policial e seu pai advogado, assim James viveu sua infância em um bairro de classe média jamaicano. Ingressou na Universidade das Índias Ocidentais e em 1991 adquiriu um diploma na área de Língua e Literatura. Se mudou para os Estados Unidos, principalmente, por medo de sofrer violência homofóbica em seu país de origem. Desde 2007, compõe o quadro docente do Macalester College, no estado de Minnesota.

Chinua Achebe nasceu na Nigéria, em 1930, e é considerado um dos principais escritores nigerianos. Seu primeiro romance, *Things Fall Apart* (1958), é o livro da literatura moderna africana mais lido ao redor do mundo. Estudou no que hoje seria a Universidade de Ibadan, a universidade mais antiga da Nigéria, e conseguiu um diploma em Literatura de Língua Inglesa. Deu aulas na Bard College e depois na Brown University, ambas nos Estados Unidos. Pertencente ao grupo étnico igbo, Achebe se envolveu ativamente na tentativa de independência da região do Biafra nos anos 1970, agindo como um embaixador para a causa. Faleceu no ano de 2013, em Boston.

Para a construção da presente pesquisa, a obra de James utilizada para análise será o romance *A Brief History of Seven Killings* publicado em 2014. Nele, James narra acontecimentos marcantes para a Jamaica, assim como a instabilidade política do país ao longo das décadas de 1970 e 1980. É sua obra mais reconhecida e ganhou vários prêmios. Foi também escolhido o conto intitulado *Civil Peace*, de Achebe para representar a Nigéria. O conto foi escrito logo após a guerra do Biafra e se passa naquela época, refletindo o momento de insegurança, instabilidade e tentativa de recomeço que ocorreu quando a guerra chegou ao fim e foi publicado pela primeira vez em 1971.

Foram escolhidos estes dois textos para a análise não só pela existência de representatividade de línguas crioulas dentro deles, mas também devido ao fato de os dois representarem momentos conturbados da história de seus respectivos países, em que violentos conflitos emergiram.

Como mencionado, este estudo irá trabalhar com línguas crioulas faladas nos países de origem de cada autor. As línguas crioulas trabalhadas aqui seriam o *Nigerian Pidgin English*, no caso da Nigéria, e o *Jamaican Patois*, da Jamaica. Estas línguas são frutos de um intenso contato de língua durante a época da colonização, em dois países colonizados pela Inglaterra, entretanto a maneira como essas duas colonizações se deram foram muito diferentes.

As línguas crioulas, assim como todas as línguas, são fortemente atreladas à população que as falam, formando uma importante parte da representação da identidade do grupo. No contexto de Jamaica e de Nigéria, temos a língua inglesa como língua oficial e uma população que em sua maioria usa uma língua crioula em seu dia a dia. Então, para que um povo seja representado literariamente, é importante que “sua” língua seja levada em consideração. Pois uma língua não é usada somente para a comunicação, mas é também a porta de entrada de toda uma cultura e de sua história. Quando estudamos autores como Achebe e James, observamos, então, essas línguas crioulas sendo transportadas para dentro da literatura, que sempre foi reservada para as classes sociais mais altas.

No curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI), a importância da representatividade das línguas e suas manifestações culturais é alvo de constantes discussões, fazendo com que seja essencial a abordagem da literatura, visto que, enquanto representação artística, inúmeras histórias de um povo são contadas por meio dela. A literatura também apresenta valores e costumes da sociedade na qual está inserida e, com isso, a língua e suas situações de uso. Outro ponto que precisa ser levado em consideração ao mencionarmos os interesses do bacharelado em LEA-MSI, são as causas e consequências dos contatos de línguas, e assim as línguas crioulas não podem ser deixadas de lado.

Nas páginas a seguir, realizaremos um breve recorrido teórico sobre línguas de contato, onde serão definidos os conceitos de crioulos e pidgins. Também será abordado o contexto histórico da Jamaica e da Nigéria, que levou à formação da situação linguística atual destes estados. Em seguida, trataremos da importância da literatura nigeriana e do autor Chinua

Achebe, assim como do conto *Civil Peace*. A literatura jamaicana será abordada, em seguida, junto com o escritor Marlon James e o romance *A Brief History of Seven Killings*. Ao final será feita uma análise de como cada autor escolheu representar a língua crioula falada, em seu país de origem, dentro das obras mencionadas. Para este estudo foram escolhidos um diálogo de cada texto, a fim de podermos produzir uma análise comparativa.

CAPÍTULO 1 – Pidgins, crioulos e criouliização

Como apresentado por Sarah Thomason, em *Contact Languages: An Introduction* (2001), o contato de línguas é a regra e não a exceção, já que é praticamente impossível ter um grupo linguístico totalmente isolado que não tenha tido contato com outras línguas pelo menos nos últimos 200 anos. Ao falarmos de contato de línguas ou línguas em contato conseguimos identificar suas possíveis ocorrências facilmente, porém defini-las é exponencialmente mais complicado. Em seu dicionário de linguística e fonética, David Crystal estabelece situações de contato como “*a situation of geographical continuity or close social proximity (and thus of mutual influence) between languages or dialects*” (Crystal, 2008).

Podemos também mencionar as mudanças sociais da atualidade e as inúmeras mídias apresentadas pela chamada “era da Internet”, que propiciam uma forma não costumeira de contato: aquele entre línguas geograficamente afastadas. Esse seria, por exemplo, o caso da influência do inglês norte-americano sobre o português falado no Brasil. Os brasileiros, em geral, mantêm um contato muito forte com a cultura americana e por consequência certas expressões e gírias da língua inglesa foram transferidas para o vocabulário da juventude brasileira.

No âmbito deste trabalho, no entanto, o foco é o contato entre línguas numa mesma região geográfica. Contato historicamente mais comum, que pode ocorrer entre povos com fronteiras territoriais, por intermédio de atividade comercial, casamentos, uniões políticas ou até mesmo fisicamente mais distantes, uma vez que, nesse caso o contato poderá ser estabelecido por imigrações, colonização, invasões, etc...

As consequências do contato na mesma região geográfica, por ser mais intenso, podem ser divididas em três: extinção de uma língua, mudanças nas línguas induzidas pelo contato e mistura extrema. O primeiro caso, extinção de uma das línguas, ocorre quando, por diferentes motivos, todos os falantes trocam para uma nova língua, não será objeto de estudo neste trabalho.

A segunda consequência é a mais comum quando pelo menos uma das línguas em contato começa a sofrer influências da(s) outra(s), sendo a mudança mais comum o empréstimo de palavras. Entretanto, não é só no léxico que verificamos influências, as alterações podem ocorrer em qualquer aspecto da língua, como fonéticos e morfossintáticos. Essas mudanças nem

sempre ocorrem bilateralmente. Devido ao poder econômico ou social uma das línguas em contato poderá apresentar uma maior influência sobre a outra.

O último caso, o de mistura de línguas, por ser o mais interessante para este trabalho, será nosso objeto de estudo. Nesse caso, o contato é tão intenso que uma terceira língua acaba surgindo, como podemos citar, os pidgins e os crioulos que a seguir serão explicados com mais detalhes. Essas novas línguas são chamadas de “língua de contato”.

Cabe ressaltar que durante muito tempo os estudos dessas línguas de contato foram ignorados por linguistas, já que estas não eram nem consideradas como línguas. Isso com o tempo foi mudando e esse campo interdisciplinar, que envolve língua, história e sociedade foi ganhando reconhecimento. Uma definição unânime para pidgins e crioulos não existe, variando entre estudiosos da crioulística - parte da linguística que se dedica ao estudo das línguas crioulas -, sendo assim, para este trabalho iremos utilizar as definições de Jean D’Costa, Pieter Muysken e Norval Smith. De acordo com a renomada romancista juvenil e acadêmica jamaicana Jean D’Costa (1968):

In order to establish some form of communication, the socially and economically dominant group usually imposes a very limited and altered form of its mother-tongue on the dominated group. This form of language is called pidgin, and has a vocabulary of extreme narrowness, sufficient to cover the basic needs of the situation. (D’Costa, 1968)

Para uma definição mais simplificada temos Pieter Muysken e Norval Smith (1994) que afirmam que pidgins são geralmente definidos como "*speech-forms which do not have native speakers, and are therefore primarily used as a means of communication among people who do not share a common language*" (Muysken; Smith, 1994). O pidgin é um *speech-form*, modo de discurso, dentro de um contexto histórico social, logo com a mudança deste contexto o pidgin pode se expandir e se desenvolver podendo chegar a ser um crioulo ou extinguir-se. Logo, levando em consideração os conceitos acima, podemos afirmar que pidgins não possuem falantes nativos.

Essa transição de pidgin para crioulo, se comparada com línguas não-crioulas, é de certa forma rápida e menos gradual. O léxico é expandido e suas estruturas sintáticas vão ficando mais complexas, com isso as situações de uso começam a variar mais. E quando este pidgin, agora já expandido, começa a adquirir falantes nativos, se torna um crioulo.

Com isso podemos dizer que línguas crioulas não só são frutos do contato de duas ou mais línguas, mas também que elas passaram por um processo de crioulização, caracterizado pela transição de pidgin à crioulo, quando vão surgindo falantes nativos. Muysken e Smith (1994) também afirmam que uma língua crioula surge em um momento específico da história, ao contrário de línguas não-crioulas que surgem mais gradualmente, como o inglês ou o português. Línguas crioulas são mais frequentes nas áreas colonizadas pelos europeus, como por exemplo o crioulo haitiano, falado no Haiti e o *tok pisin*, falado na Papua-Nova Guiné.

O contato de língua ocorrido, que acaba por gerar um pidgin ou um crioulo, pode se dar de diversas formas, como em fronteiras territoriais e migrações. Assim como mencionado por Robert Chaudenson existem dois tipos de pidgins e crioulos, o primeiro sendo endógeno e o segundo exógeno. O autor define a modalidade endógena como “*pidgins and creoles that have developed from contact between an indigenous population and an immigrant group; in the context of colonial expansion*”. Exógenos, por sua vez, são pidgins e crioulos “*developed out of contacts among immigrants and the transplanted populations*”. (Chaudenson, 2001). Exemplificando cada um deles, temos o *Nigerian Pidgin English (NPE)* na Nigéria que é também chamado apenas de ‘pidgin’. Por mais que o *NPE* tenha esse nome ele já passou por sua fase de pidgin e hoje é um crioulo, mas manteve o nome por razões práticas. Ele é o resultado do contato entre os colonizadores e os diversos grupos étnicos locais, um crioulo endógeno. Já a língua crioula falada na Jamaica, o *Jamaican Patwa (JP)*, mas também conhecido como crioulo jamaicano advêm do contato dos colonizadores e africanos de diversos grupos étnicos levados para a Jamaica, um crioulo exógeno.

Nesses contatos de línguas, de forma geral, é quase sempre possível identificar um grupo dominante e isso se deve a diversos fatores, como quantidade de pessoas, poder socioeconômico, poderio militar etc. A língua do grupo dominante é em muitos casos a língua lexificadora também chamada de língua de superstrato do pidgin ou do crioulo, de tal modo que ela fornece a maior parte do léxico, assim como das características morfológicas e fonológicas. As línguas não lexificadoras, também conhecidas como línguas de substrato influenciam também em questões morfossintáticas, fonológicas e lexicais.

Observando que grande parte dos pidgins e crioulos são falados em regiões que passaram pelo processo de colonização europeia, a língua lexificadora, nestes casos é, de fato, uma língua europeia. Assim, as outras línguas que contribuem para o surgimento dos pidgins e

crioulos seriam as línguas nativas dessas regiões, ou outras línguas externas que por ventura vieram a entrar em contato.

É sempre importante destacar que devido ao pidgin surgir devido a necessidade de comunicação imediata, ele apresenta estruturas morfológicas e fonológicas simplificadas, e que ao se desenvolver e continuar em contato com as línguas influenciadoras, o mesmo tende a se tornar cada vez mais complexo.

É muito difícil, ainda, conseguir identificar um pidgin ou um crioulo devido ao fato de que nas regiões onde eles são falados existe uma forte presença da língua lexificadora, - como é o caso do crioulo cabo-verdiano que tem o português como língua lexificadora e é falado em Cabo-Verde - podendo muitas vezes ser confundidos com dialetos dessa língua.

Considerando a importância de definirmos dialeto, para melhor compreendermos os conceitos de pidgin e crioulo, pode-se dizer que, dialeto é como uma variedade linguística utilizada por pessoas pertencentes a um mesmo grupo, podendo este ser geográfico, social, econômico ou outros. O dialeto é marcado pelo uso de um determinado léxico e de certas estruturas gramaticais e também está diretamente ligado aos sotaques (Crystal, 2008). Se analisarmos o inglês somente dentro das ilhas britânicas, vemos uma imensa abundância de variações, como o inglês falado na Escócia e Irlanda, sem contar as diferenças de áreas urbanas e rurais.

Já dentro dos contextos de colonização da África e do Caribe percebemos uma relação de dominadores e dominados. No âmbito dos países africanos, os colonizadores europeus exerciam a dominação sobre a população local. No contexto caribenho, por sua vez, a população nativa já havia sido quase dizimada e a dinâmica de exploração se fez entre colonos e africanos traficados e escravizados.

Essa relação de dominação não se restringiu ao período colonial e um de seus efeitos é a relação linguística desses países, onde até a atualidade a língua trazida da Europa, no caso da Jamaica e da Nigéria, é a língua dominante e de mais prestígio. Deixando assim as demais línguas e as línguas crioulas em segundo plano.

Pidgins e Crioulos, justapostos na Jamaica e na Nigéria

Pidgins, e às vezes crioulos, que tenham o inglês como língua lexificadora são comumente chamados, erroneamente, de *Broken English*. Como apontado por Jane Ifechelobi

(2016), pois *Broken English* é o resultado do domínio insuficiente do inglês, já pidgins, como expresso anteriormente, são línguas de fato, resultantes do contato de línguas.

Notoriamente, em comunidades onde o crioulo e sua língua lexificadora continuam em contato intenso é possível observar o surgimento de um contínuo pós-crioulo (CPC), ou seja, os falantes modificam seu discurso para se aproximar mais da variedade padrão da língua lexificadora ou da língua crioula. Dentro do CPC, variedades linguísticas do crioulo começam a nascer, surgindo os termos basileto, mesoleto e acroleto para classificá-las.

O basileto é a variedade que mais se assemelha ao crioulo original e o acroleto é a que mais se distancia do crioulo e é mais próxima da língua lexificadora, já o mesoleto seriam as variedades que se encontrariam no meio. Com essas definições, introduz-se outro conceito, a descrioulização, que pode ocorrer quando o crioulo mantém o contato com a língua lexificadora e seus falantes modificam as estruturas sintáticas em direção ao acroleto. Podendo levar à extinção total do crioulo. Os falantes tendem a navegar entre essas diferentes variedades de acordo com a situação social em que se encontram.

De fato, em uma sociedade composta por falantes bilíngues ou multilíngues é normal a ocorrência de *code-switching*, o qual Penelope Gardner-Chloros define como “*use of two or more languages in the same conversation or utterance.*” (Gardner-Chloros, 1997). “*There are many reasons why people code-switch but generally, they do so in response to social context factors.*” (Chukueggu, 2010). *Code-switching* pode ocorrer, não só com a troca de diferentes línguas (inglês e crioulo), mas também entre diferentes dialetos ou variedades (basileto e acroleto). Com isso, concluímos que é comum que um falante bilíngue - de crioulo e de inglês - alterne entre os crioulos, em suas variedades basiletais, mesoletais, acroletais, e ainda o inglês, dependendo da situação social em que o falante se encontra ou até mesmo do assunto abordado ou da impressão a ser passada. Algo que verificamos nas falas dos personagens das obras aqui selecionadas.

No caso da literatura, o uso de *code-switching* em diálogos é uma construção do autor, e não necessariamente reproduz como um falante real alternaria os códigos. Entretanto, mesmo sendo algo construído literariamente, o *code-switching* na literatura é uma ótima maneira de mostrar o bilinguismo de personagens e até de se aproximar da realidade ali representada. Assim o uso de *code-switching*, na Jamaica e na Nigéria, é algo recorrente, visto que grande parte da população é bilingue. Refletindo essa realidade os autores, Chinua Achebe e Marlon

James utilizam o *code-switching* em suas obras, aproximando-se mais da realidade da população que eles retratam

Ainda, com base nos textos de Fishman (1967), Ferguson (1991) e Hudson (1991), a relação entre uma língua dominante e as demais, chamada de diglossia acontece em lugares onde mais de uma variedade linguística é usada para a comunicação, sendo que uma delas é considerada a língua de prestígio e é utilizada em espaços formais e a outra em espaços menos formais e familiares. Com esse conceito, podemos aplicar a diglossia a situação linguística da Nigéria, onde o inglês é a língua utilizada em espaços públicos, como governo e escolas e a língua crioula é para espaços menos formais, mesmo sendo falada por grande parte da população. Chioma Chukueggu (2010) afirma que existe uma situação diglósica na Nigéria onde ainda há a participação de diversas línguas nativas nessa conjuntura linguística. Já ao observarmos o caso da Jamaica, Daniel Jettka afirma que:

there is no straightforward description of Jamaica in traditional structuralist terms, e.g. as bilingual or diglossic society. Rather, the Jamaican language situation is characterised by the use of a wide range of flexible registers or varieties, depending on socio-cultural and individual factors. (Jettka, 2010)

Como pontua DeCamp (1971), não existe uma delimitação clara entre o *JP* e o *Jamaican Standard English (JSE)*, estabelecendo um contínuo formado por vários espectros.

Many Jamaicans persist in the myth that there are only two varieties: the patois and the standard. But one speaker's attempt at the broad patois may be closer to the standard end of the spectrum than is another speaker's attempt at the standard. (DeCamp, 1971)

Assim a situação linguística da Jamaica é marcada pelo CPC e todas as variedades de basileto, mesoleto e acroleto, junto, claro, do *JP* e do *JSE*. O que se pode observar nesses dois países é que mesmo as suas línguas crioulas sendo consideradas de menor prestígio, são verdadeiras línguas nacionais.

Com efeito, vale assinalar que os primeiros colonizadores a chegarem na ilha que hoje é conhecida como Jamaica foram os espanhóis. E, em menos de 100 anos, eles eliminaram quase toda a população nativa, os aruaques, com doenças trazidas da Europa. Simultaneamente, nesse período, foram levados para lá também os primeiros africanos. Pela falta de ouro, metal precioso muito explorado na época, a ilha não recebia muita atenção dos espanhóis e era basicamente um ponto de abastecimento de rotas comerciais, mas a localização da terra atraiu os ingleses, que, com toda a sua força bélica, expulsaram os espanhóis rapidamente da Jamaica, promovendo a imposição da língua inglesa como dominante. É importante destacar que os

ingleses que foram para as colônias falavam distintas variedades da língua inglesa, visto que eram de várias regiões das ilhas britânicas (Jettka, 2010).

Como o maior interesse dos colonos na Jamaica era a plantação de cana de açúcar, o tráfico de africanos para o trabalho escravo foi se intensificando, ao ponto de a população da ilha chegar a ser 90% de africanos e/ou seus descendentes e 10% europeia e/ou seus descendentes, porcentagens que não diferem muito dos dias atuais (Jettka, 2010). Os africanos escravizados eram em sua maioria da África Ocidental e Central, mas de várias etnias diferentes. Os europeus escolhiam, propositadamente, pessoas de diferentes etnias para serem transportadas juntas, pois assim diminuía a probabilidade de formarem grupos e eventualmente se rebelarem nos navios, visto que inúmeras vezes sequer partilhavam de uma língua comum.

Com isso, formou-se um contingente que falava diversas línguas e o inglês, este último sendo imposto. Esses grupos precisavam se comunicar entre si e assim foi se formando o que viria a ser hoje o *JP*. Dessa forma, temos o inglês como língua lexificadora, pois assim como na Nigéria essa era a língua da elite dominante, e as diversas línguas africanas principalmente das famílias Akan, Kwa e Bantu, dos povos escravizados, consolidando um crioulo exógeno, cuja contribuição da língua nativa foi tão mínima que nem é levada em consideração ao classificarmos o crioulo como exógeno. Atualmente, vemos que a situação linguística da Jamaica não é dividida somente entre falantes de *JP* e falantes de *JSE* e que o cenário linguístico do país é muito caracterizado pelo CPC, havendo falantes que vão do acroleto ao basileto, e claro, falantes de mais de uma variedade, que fazem o *code-switching* quando necessário, como mencionado anteriormente.

No caso da Nigéria, o contato de línguas no território sempre foi algo comum devido à sua diversidade étnica e linguística. Antes mesmo da colonização, a região sempre teve grandes áreas urbanas e diversas, onde o comércio entre as diferentes comunidades era muito comum. Assim muitos pidgins foram formados através desses contatos das línguas nativas. (Faraclas, 1996)

Com a chegada dos europeus e a colonização, a dinâmica urbana da região mudou e começou a surgir um novo pidgin, com base nas línguas europeias. Os portugueses chegaram antes dos britânicos e assim influenciaram muito a nova língua que ainda estava em formação. Logo, vieram aos ingleses e junto missionários da Serra Leoa, falantes nativos de krio. Com o comércio entre a população local e a dominação europeia, o *NPE* começava a surgir. Com o

passar do tempo o *NPE* começou a ganhar falantes nativos e a se expandir, sendo hoje em dia considerado um crioulo.

Assim como todo pidgin e crioulo, o *NPE* tem uma língua lexificadora, que no caso é o inglês, a língua do grupo com maior status socioeconômico, nesse contexto o colonizador, conseqüentemente, a maior parte das características morfológicas e fonológicas se assemelham ou são iguais a do inglês. As línguas nativas como o ioruba, hausa e igbo interferem mais no léxico, assim como o português que como mencionado antes também esteve presente no contato de línguas para a criação do *NPE*. É importante destacar que a variação dialetal do sul do país é mais regada pela influência portuguesa devido à grande presença dos portugueses e ao tráfico escravagista. Assim, podemos classificar o *NPE* como sendo um crioulo endógeno uma vez que as principais participantes em sua criação foram línguas nativas da região e uma língua europeia.

CAPÍTULO 2 – Contextualização histórico-literária

Podemos dizer que a literatura sempre foi vista como um símbolo cultural, de certa forma mais elitista, produzida pela e para a elite social. Quando uma língua "depreciada" é utilizada na literatura, isto é também uma forma de quebrar barreiras, possibilitando a mudança de tal paradigma negativo.

Convém aqui mencionar que, durante séculos, os colonizadores foram as vozes da África e essa África era então representada através de um olhar eurocentrista e ocidentalista. A África era o “Outro”, o Outro misterioso, exótico, tradicionalista que se contrapunha, dentro do arcabouço imagético criado pela Europa, aos ideais europeus, modernos e científicos. (Said, 1995)

A literatura na Nigéria

Por outro lado, há o trabalho de autores africanos, como Chinua Achebe, que foi um dos escritores africanos mais influentes do século XX. Ele nasceu em 1930 em Ogidi, *Nigeria Protectorate* e morreu no ano de 2013 (82 anos), em Boston, Massachusetts, Estados Unidos. Seus principais trabalhos são os romances *Things Fall Apart* (1958), *No Longer at Ease* (1962), *and Arrow of God* (1964), muitas vezes organizados em forma de trilogia.

Como aponta Fernanda Pereira (2012), Achebe sente a necessidade de escrever romances nos quais o povo nigeriano poderia se reconhecer através de referências literárias. Vemos a importância de Achebe, e outros escritores de sua geração, ao se dedicarem à criação

de literatura africana, quando escutamos o relato da renomada escritora e feminista nigeriana, seguidora de Achebe, Chimamanda Ngozi Adichie, que em sua palestra, intitulada *The Danger of a Single Story*, afirma que ao começar a escrever, ainda criança, todas as suas personagens eram brancas, comiam maçãs e brincavam na neve, pois era essa a literatura que chegava até ela. Chimamanda, como uma menina negra que comia manga e que nunca tinha visto neve, não via a possibilidade de ser personagem de narrativas literárias. Ela não possuía ainda uma referência cultural na qual se reconhecesse como parte. E ao descobrir escritores africanos, como Achebe, Chimamanda percebe que personagens nigerianos também fazem parte de narrativas, também tem espaço na literatura (Adichie, 2009).

Nessa palestra, ela explana sobre a problemática quando apenas uma história é contada e como isso cria estereótipos pejorativos. Como mencionado anteriormente, a África e as colônias em geral eram representadas literariamente, quase que exclusivamente, pelos países hegemônicos, criando uma imagem de África que se resume a “*beautiful landscape, beautiful animals and incomprehensive people, fighting senseless wars, dying of poverty and AIDS*” (Adichie, 2009). Essa representação literária ou midiática coloca a África como um continente homogêneo ignorando as diversas culturas que a formam. Vemos assim, ainda mais a importância de escritores africanos, e das ex-colônias em geral, contarem as suas histórias.

Por muito tempo foi debatido em qual língua a literatura africana precisa ser escrita para ser considerada africana, se deveria ser em uma língua nativa ou se a língua trazida pelo colonizador seria válida também. O uso do inglês, no caso da Nigéria, seria uma maneira de levar essa literatura para o resto do mundo, de torná-la mais acessível. A importância da literatura africana iria além de sua identificação pelos africanos, mas também para mostrar ao mundo o que são as diversas realidades africanas, e mais importante ainda o que são as culturas africanas na visão dos africanos e não através da visão eurocentrista e preconceituosa dos colonizadores, retomando a ideia do perigo quando se conta somente uma história. No ensaio *The African Writer and the English language*, Chinua Achebe defende o uso da língua inglesa para escrever literatura africana. Achebe, também, diferencia a literatura nacional da literatura étnica dizendo:

A national literature is one that takes the whole nation for its province and has a realized or potential audience throughout its territory. In other words, a literature that is written in the national language. An ethnic literature is one which is available only to one ethnic group within the nation. If you take Nigeria as an example, the national literature, as I see it, is the literature written in English; and the ethnic literatures are in Hausa, Ibo, Yoruba, Efik, Edo, Ijaw, etc., etc. (Achebe, 2014)

Com esta definição vemos que a literatura de muitos países africanos é escrita em inglês. De modo que a língua inglesa não somente é uma língua que une, até certo ponto, diferentes grupos étnicos, mas também facilita a exportação dessa literatura. Como também aponta Pereira (2012), esse uso do inglês se dá de forma conflituosa, afinal de contas não é possível conseguir representar a cultura igbo, no caso de Achebe, ou a Nigéria no geral, por inteiro através da língua inglesa, então é necessário modificar e adaptar a língua.

O texto de Achebe é como uma “tradução” da cultura igbo; por isso, a língua inglesa ali falada, tanto pelo narrador quanto pelos personagens é modificada de forma a representar a situação linguística e cultural daquelas pessoas. (Pereira, 2012)

O conto de Achebe a ser aqui analisado é o “*Civil Peace*” publicado em 1971. A obra retrata a realidade pós-guerra civil nigeriana conhecida como a guerra do *Biafra*. “*Civil Peace*” é sobre Jonathan Iwegbu, um homem vivendo em meio a pobreza depois do conflito, quando ladrões chegam a sua casa para roubar-lhe. O diálogo do texto entre Jonathan e os ladrões alterna entre inglês padrão, na fala de Jonathan, e *NPE*, na fala dos ladrões. Este diálogo foi um dos principais motivos da escolha do conto para esta análise.

A Guerra do Biafra, também conhecida como a Guerra Civil Nigeriana, estourou no dia 6 de julho de 1967 e foi um dos maiores marcos históricos para a Nigéria. Como a maior parte dos países africanos, as fronteiras foram criadas pelos colonizadores e de forma arbitrária, assim, dentro da Nigéria são encontrados centenas de diferentes grupos étnicos, sendo os três maiores os Hausa, Igbo e Ioruba. Além das diferenças étnicas, a Nigéria sempre foi muito dividida religiosamente, havendo os grupos da parte norte, como os Hausa, islâmicos e os da parte sul, Igbos em sua maioria, cristãos.

Sete anos após a independência do país, conflitos étnicos começaram a surgir, particularmente na região do Biafra, rica em petróleo, o bem mais exportado da Nigéria e uma das principais fontes econômicas do país. Logo, o povo Igbo proclamou a independência do Biafra unilateralmente, dando início a uma terrível guerra civil. Durante a guerra, a população do Biafra sofreu muito devido ao corte de suprimentos para a região. Ainda que com o fim do conflito, o Biafra foi reintroduzido ao território nigeriano, as consequências da guerra continuaram a ser devastadoras para o povo.

Durante esse período de guerra civil, Achebe teve dificuldades de produzir trabalhos longos e que demandavam muito tempo, como romances. Como aponta Amarílis Anchieta (2014), durante o período da guerra do Biafra, na qual Achebe se envolveu ativamente, ele

somente publicou alguns poemas, e logo após ela três contos onde a guerra era também a temática, um deles sendo *Civil Peace*.

A literatura na Jamaica

A literatura jamaicana já é reconhecida internacionalmente, e o uso do *JP* é uma de suas características, algo que ocorre também na música e no teatro, tornando-o um importante elemento de diversas representações culturais. Roger Mais, Jean D'Costa, Erna Brodner, Lorna Goodison e Marlon James são só alguns dos vários escritores jamaicanos.

A Brief History of Seven Killings, que também compõe nosso corpus de análise, é um romance escrito por Marlon James, ganhador do prêmio Man Booker Prize de 2015, sendo o primeiro jamaicano a conquistar o título. James nasceu em 1970 em Kingston, Jamaica, e além do referido romance, ele escreveu mais dois livros; *John Crow's Devil* (2005) e *The Book of Night Women* (2009). *A Brief History* é um livro de ficção mas tem como base fatos reais, a história gira em torno da tentativa de assassinato do cantor Bob Marley, no livro chamado *The Singer*, e as consequências disso, ele também retrata o conturbado cenário político e o controle de gangues sobre Kingston. O livro mostra a luta partidária local, a influência da CIA para que outro país da região do Caribe não se tornasse comunista, a violenta realidade das gangues, entre vários outros cenários. A história começa em 1976, 2 dias antes do atentado contra o cantor e termina somente na década de 1990, retratando um dos períodos mais violentos da história da Jamaica como um país independente. Em um romance com mais de 70 personagens, e diversas histórias complexas, ele se sobressai ainda mais pela linguagem usada pelo autor, que tenta replicar o *JP* falado na Jamaica. E é possível observar alguns casos de *code-switching* dos próprios personagens.

Em uma entrevista concedida a Annie Paul (2016), o autor fala sobre o seu primeiro romance, *John Crow's Devil*. Nessa entrevista, ele explica a escolha de usar uma ortografia que mais se assemelha ao inglês padrão para escrever uma palavra de baixo calão tipicamente jamaicana e pertencente ao *JP*. Ele diz que poderia ter escrito *bloodcaat*, que se aproxima mais da pronúncia da palavra, mas pessoas não jamaicanas não iriam entender de imediato o significado, então ele optou por escrever *bloodcloth* (James, 2006). Ele utiliza do mesmo artifício em *A Brief History of Seven Killings*. Percebemos assim as negociações estilísticas que o texto literário precisa fazer para atingir certos efeitos em seus leitores.

Em outra entrevista concedida a Chris Harvey para o *website* do jornal *The Telegraph* (2015), James comenta sobre como foi escrever o livro aqui estudado, bem como, um pouco sobre sua vida. Filho de policiais, viveu em um bairro de classe média sua vida inteira e tinha apenas 6 anos quando aconteceu o atentado contra Bob Marley, e apesar da pouca idade, ele lembra do medo que o ocorrido instaurou na população, já que o cantor era visto como intocável. Alguns de seus personagens como Papa Lo e Josey Wales, foram vagamente baseados em personalidades reais. Seus personagens americanos também formaram uma certa dificuldade na hora da escrita já que James não queria cair em estereótipos e desejava dar a todos os seus personagens, desejos, dimensões e contradições. Harvey relembra também um dos tópicos já discutidos por James, que seria “*the theory of how white depictions of black experience are often presented so that even the worst horrors visited upon black people are viewed as learning experiences for white characters*” (Harvey, 2015). Isso reforça a importância da representatividade dentro da literatura, não só pela presença de personagens, mas também pela escrita por autores negros. Sobre a violência retratada e criticada no livro, James diz que “*I didn’t want to fall into a pornography of violence but I think violence should be violent,*” (James, 2015) e isso é visto não somente através dos acontecimentos, mas também nos tipos de discurso dos personagens.

A década de 1970, quando tem início a história do livro, foi um período conturbado, não somente para a Jamaica, mas para o mundo em geral. A União Soviética e os Estados Unidos não mediam esforços para conquistarem aliados para seu lado durante a guerra fria, e com isso viu-se países africanos serem o campo de batalha de forças capitalistas e comunistas. A Jamaica não ficou isolada dos acontecimentos desse período confuso da história, e isso é retratado na obra. Os dois partidos políticos não tinham limites para tentar ganhar a eleição. Com a brutalidade policial para tentar controlar a população e a violência entre gangues crescendo cada vez mais, a época não foi a mais propícia para o povo jamaicano.

O livro apresenta personagens de diversos *backgrounds*. Os personagens americanos falam claramente uma forma mais padrão da variedade americana da língua inglesa. Já os personagens jamaicanos são representados no geral com uma variedade mais acroletal de *JP*, mas havendo variações entre si. Como exemplo, a personagem Nina Burgess que é claramente de uma classe social mais alta e fala em *JSE* com algumas influências de crioulo, já os personagens de uma classe social mais baixa, os membros de gangues, como Papa Lo e Josey Wales, falam a forma acroletal do *JP*. Podemos observar também o uso de *code-switching* dos personagens, James consegue representar os seus personagens variando entre o *JP* acroletal e o

inglês dependendo da situação em que eles se encontram. É muito claro o cuidado que o autor teve na hora da criação dos personagens e de suas histórias e isso pode ser visto por suas identidades linguísticas, ele consegue transpassar classe social, gênero, idade, nacionalidade através dos discursos de seus personagens.

Tanto o conto como o romance apresentam resistência ao leitor estrangeiro. No conto, o diálogo em inglês com *NPE* se apresenta difícil para o leitor estrangeiro compreender o que está ocorrendo e a troca do código é muito frequente. É possível de entender o contexto geral do que é falado em *NPE*, porém a sensação de não entender completamente faz com que a cena se torne, não só mais resistente, mas também mais densa e de certa forma violenta. O romance aparentemente foi escrito com o intuito de deixar o leitor inquieto. A violência é descrita de forma explícita. Como já mencionado anteriormente a forma de discurso dos personagens variam entre si e na situação que eles se encontram. James consegue passar para o leitor os sentimentos vividos pelos personagens, e vemos isso claramente em dois capítulos, num escrito em versos e noutro que contém uma frase de quase 6 páginas, isso para retratar personagens eufóricos, assustados, na correria e, claro, sob o efeito de drogas.

CAPÍTULO 3 – As falas crioulas dos personagens de James e Achebe

Para a análise serão observados especificamente dois diálogos, um de cada obra. O romance de Marlon James é muito extenso e o diálogo escolhido se dá ao final do livro. O diálogo ocorre entre Millicent Segree, uma jamaicana imigrante em Nova Iorque que trabalha em um hospital, como enfermeira. Ela já vive nos Estados Unidos há anos e tenta evitar qualquer contato com seu país de origem. A outra personagem, não nomeada, é jamaicana, casada com um dos membros de uma gangue jamaicana nos EUA. Ele levou um tiro e está se recuperando no hospital onde Millicent trabalha. O encontro das duas mulheres se dá pois Millicent fica curiosa quanto ao motivo de tantos jamaicanos haverem sido levados ao hospital, com feridas de bala. Logo, ela passa a rondar o quarto de um deles, até a esposa deste perceber que ela e Millicent tem suas origens no mesmo país e elas comecem a conversar.

No livro, como um todo, frequentemente quando são personagens jamaicanos interagindo, a fala deles é de certa forma similar. O uso de códigos diferentes só é claro quando esses personagens interagem com estrangeiros. No diálogo em questão, porém, é possível notar uma distinção na fala das duas personagens. Essa distinção é feita de maneira proposital, pois na história, Millicent tenta se distanciar ao máximo da Jamaica e de tudo que a faça lembrar do

país. Uma das maneiras da personagem fazer é linguística, isto é, ao tentar aproximar a sua fala ao máximo do inglês americano.

Este trecho é interessante para a análise e para a comparação porque é possível perceber a diferença de forma do discurso entre os interlocutores. Neste caso, na maior parte da interação, Millicent faz questão de usar um inglês mais próximo do padrão e isso chega a ser tópico de conversa entre elas. Já a personagem não nomeada usa uma das variedades de *JP* do espectro do CPC. É importante ressaltar que James, ao representar o *JP*, opta por uma ortografia que se assemelha mais ao inglês padrão para poder facilitar o entendimento dos leitores, assim tanto o leitor jamaicano que fala *JP* quanto um leitor estrangeiro conseguem entender o que está sendo falado. Lembrando que o *JP* não possui uma ortografia padrão.

Notamos também a ocorrência de code-switching feita pelas duas personagens. Millicent mesmo se controlando para manter o uso de *JSE*, em alguns momentos, “escorrega”, principalmente depois que ela passa mal e quase desmaia. Isso sendo apontado pela personagem não nomeada.

Aqui estão alguns exemplos de falas da personagem Millicent:

[1] *I'm not sure I get your point*

[2] *You think anybody speaking proper English trying to take after white people?*

[3] *In TV show them always ah give people a glass of water.*

Como vemos no trecho 1 é usado o inglês padrão. No trecho 2 ainda observamos o uso do inglês, porém ele já não está em uma forma padrão, visto que a frase não está seguindo regras gramaticais da língua inglesa.

A fala 3 é a mais interessante já que nela a personagem começa a entrar no *JP* mas sempre o usa na forma de acroleto. Percebemos isso quando ela usa ‘*them*’ ao invés de ‘*they*’ e ao usar ‘*ah*’. No primeiro caso reparamos que durante o romance, quando uma variedade mais basilectal de *JP* é falada, os personagens utilizam ‘*them*’ em sua maioria. No segundo caso ‘*ah*’ age como um verbo auxiliar ‘*is*’ ou ‘*are*’. O uso de uma fala que se aproxima mais do inglês padrão é uma das características da personagem, que é advinda de uma família de classe média da Jamaica e teve uma boa educação, desde o início do romance ela fala em *JSE* e quando parte

para o *JP* usa uma variedade acroletal devido a sua educação até mesmo quando ela não está se forçando ao usar o inglês.

O *code-switching* feito pela personagem não nomeada também é sutil, já que ela varia entre espectros do CPC. Assim em algumas falas ela usa uma forma mais basiletal como:

[4] *Rahtid my girl, you hafii faint fi talk Jamaican? What a ting.*

E outras mais acroletal:

[5] [...]News ‘bout Josey Wales was all Jamaican newspaper could write ‘bout. Yes me read. Every day was a new story about court and trial and witness and delay and privy council. [...]

Como observamos no período 4, a personagem mistura as variedades mesmo falando em uma forma mais basiletal. Isso é claro quando James escreve ‘*my girl*’ e ‘*what*’ sendo que em momentos anteriores do livro quando o *JP* é usado, o adjetivo possessivo é escrito como ‘*me*’ e ‘*girl*’ seria ‘*gal*’, assim como ‘*what*’ o autor escreve em outras ocasiões ‘*wha*’ ou ‘*wah*’ para representar o *JP*. Chegamos a ver o uso de ‘*wha*’ no mesmo diálogo sendo falado pela mesma personagem em:

[6] *Rahtid wha you tell him?*

Notamos também no trecho 5, que na primeira frase ela fala “*bout*” e na última ela fala ‘*about*’, esta alternância dentro da fala é muito significativa visto que na frase em que ela fala sobre o julgamento¹ é escrita toda em inglês padrão. É interessante ressaltar que quando o assunto passa a ser o julgamento o discurso da personagem não nomeada se aproxima de uma variedade mais acroletal; lembrando que o *code-switching* pode ocorrer quando existe uma mudança de assunto, ao discutir tópicos considerados mais sérios é geralmente utilizada uma língua que seja socialmente vista como mais formal.

¹ O julgamento é de Josey Wales o líder de uma das principais gangues jamaicanas que se estendeu até os Estados Unidos com o tráfico de drogas internacional.

No caso de *Civil Peace*, o conto só possui um diálogo em toda a obra, que será o analisado, e ele se dá entre a interação de Jonathan e os ladrões. Esse diálogo é marcado pelas ameaças dos ladrões e a tentativa de Jonathan de convencê-los que não possui dinheiro.

Civil Peace é marcado pela forte presença do *NPE*. O conto é narrado em inglês e o *NPE* aparece somente no diálogo. Essa interação é muito interessante, visto que Jonathan usa o inglês padrão e os ladrões o *NPE* sem haver nenhum comprometimento de entendimento de nenhuma das partes. O *NPE* é muito marcado por Achebe, que escolhe escrevê-lo usando uma ortografia mais aproximada da maneira como é pronunciado, visto que o *NPE* não possui ainda uma ortografia padrão, isso dificulta a leitura para um leitor estrangeiro que não tem conhecimento de *NPE*. Achebe já havia utilizado o *NPE* em seus trabalhos anteriores, mas em *Civil Peace* o uso é mais determinante. Como mencionado anteriormente, o conto se passa logo após a guerra do Biafra e no território onde a mesma ocorreu, então o uso do *NPE* reflete bastante o leste nigeriano (Gale, 2016), já que é uma das regiões onde o *NPE* é mais falado.

Como a língua e as situações linguísticas dentro da literatura são algo construído, Achebe escolheu, através das falas de seus personagens, diferenciá-los e distanciá-los.

A seguir temos algumas das falas de Jonathan:

[7] *Police-o! Thieves-o! Neighbours-o! Police-o! We are lost! We are dead! Neighbours, are you asleep? Wake up! Police-o!*

[8] *What do you want from me? I am a poor man. Everything I had went with this war. Why do you come to me? You know people who have money. We ...'*

[9] *To God who made me; if you come inside and find one hundred pounds, take it and shoot me and shoot my wife and children. [...]*

Dentro do texto notamos que as falas de Jonathan são escritas em inglês padrão, sendo a única exceção o trecho 7, onde ele tenta chamar a atenção de seus vizinhos e grita em *NPE*. Já nos trechos 8 e 9, vemos-lo tentando racionalizar com os ladrões e convencê-los a de que não possui dinheiro, usando o inglês padrão. Não podemos deixar de indagar se o uso do inglês, especificamente nas falas de Jonathan, representaria o uso da língua inglesa de fato ou seria uma forma de mascarar a língua igbo.

Contrapondo temos as falas do líder dos ladrões que é toda em *NPE*.

[10] *Police-o! Tief-man-o! Neighbours-o! we done loss-o! Police-o!...*

[11] *My frien, why you no de talk again. I de ask you say you wan make we call soja?'*

[12] *Na lie de man de lie; e get plenty money... Make we go inside and search properly well... Wetin be twenty pound?...*

Na fala 10, ele zomba de Jonathan por tentar pedir ajuda, que seria a fala 7, mencionada anteriormente. Vemos que nela ele imita Jonathan, porém na parte ‘*We are lost!*’ o ladrão a traduz e fala ‘*we done loss-o!*’. Com isso, vemos que o ladrão usa exclusivamente o *NPE*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois autores abordam as línguas crioulas de maneiras bem diferentes dentro das obras analisadas. Achebe molda tanto o inglês, quanto o *NPE* para que se encaixem no seu conto, distanciando seus personagens, afinal, mesmo conseguindo atingir a comunicação, eles falam línguas diferentes. Achebe, também, não tenta facilitar a compreensão do crioulo para seus leitores estrangeiros, com isso foi percebido que o propósito da escrita do conto não é necessariamente comercializá-lo para o exterior e sim, como uma maneira de refletir sobre os resquícios de violência deixados pela guerra.

Já James escolhe uma representação mais verossímil, em uma tentativa de maior aproximação da realidade. Por isso percebemos seus personagens transitando entre variações do espectro do CPC. Entretanto James nunca vai longe o suficiente para chegar em uma variação de basileto ou até do crioulo puro. Ele leva em consideração seus leitores estrangeiros, se aproximando mais do *JSE* e contrastando com o estilo de Achebe.

Essas diferenças não diminuem a importância das obras citadas, visto que, não existe uma melhor ou pior maneira de representação de uma língua na literatura. Cada uma delas encontra maneiras de representar alguma das inúmeras realidades vividas dentro da Nigéria e da Jamaica. Não podemos impor uma receita de como uma língua menosprezada deveria ser representada dentro da literatura pois, como afirmado, ela é uma representação artística e não pode ser limitada.

Muito ainda é preciso ser feito para que as línguas crioulas conquistem mais espaços. Hoje a crioulística é uma área de estudo respeitada, porém ainda pode crescer muito e vemos isso através da escassez de trabalhos acadêmicos voltados para o tema se compararmos com outras áreas da linguística. As línguas crioulas ainda estão imersas em situações em que elas ainda são mal vistas pela sociedade e quando temos autores renomados, como os citados, reconstruindo essas línguas em seus textos faz com que elas sejam vistas com outros olhos e recebam mais atenção.

BIBLIOGRAFIA

The Man Booker Prize, 13 out. 2015. Disponível em: <http://themanbookerprize.com/news/brief-history-seven-killings-marlon-james>.

Encyclopedia Britannica, 10 jun. 2017. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Nigeria/Independent-Nigeria>.

ACHEBE, Chinua. *Girls at War and Other Stories*. 1973.

ACHEBE, Chinua. The African Writer and the English Language. *The African Book Review*, 15 Maio 2014. Disponível em: <https://theafricanbookreview.com/2014/05/15/achebe-essay/>. Acessado em: 26 jun. 2017.

ADICHIE, Chimamanda N. The Danger of a Single Storie. TED Talks. 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story>. Acessado em: 06 jun. 2017

ANCHIETA, Amarílis M. L. L. D. *Tongue-tied: traduzindo os contos em guerra de Chinua Achebe*. Brasília: 2014.

CENGAGE LEARNING GALE. *A Study Guide for Chinua Achebe's "Civil Peace"*. Gale, Cengage Learning, 2016.

CHAUDENSON, Robert. *Creolization of Language and Culture*. Londres: Routledge, 2001.

CHUKUEGGU, Chioma O. C. Diglossia and Code Switching in Nigeria: Implications for English Language Teaching and Learning. *African Research Review*, p. 139-144, 2010.

COUTO, Hildo H. D. Um cenário para a criouliização sem pidginização. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, p. 5-30, 1998.

CRYSTAL, David. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. Blackwell Publishing Ltd, 2008.

D'COSTA, Jean. Language Dialect in Jamaica. *Jamaica Journal*, 1968.

DECAMP, David. Towards a generative analysis of a post-creole speech continuum. *Pidginization and Creolization of Languages*. 1971. p. 349-370.

ELUGBE, Ben. Nigerian Pidgin English: Phonology. In: *Varieties of English: Africa, South and Southeast Asia*. 2008.

FARACLAS, Nicholas. G. *Nigerian Pidgin*. 1996.

FERGURSON, Charles. A. Diglossia revisited. *Southwest Journal of Linguistics*, 10 (1), p. 214-234, 1991.

FISHMAN, Joshua. A. Bilingualism with or without diglossia; diglossia with and without bilingualism. *Journal of Social Studies*, 23 (2), p. 29-38, 1967.

GARDNER-CHLOROS, Penelope. Code-switching: Language Selection in Three Strasbourg Department Stores. In: *Sociolinguistics: A Reader and Coursebook*. Macmillan Education UK, 1997. p. 361-375.

HOW TO SPEAK JAMAICAN PATOIS. *Jamaican Patwa*, 22 jun. 2013. Disponível em: http://jamaicanpatwah.com/b/how-to-speak-jamaican-patois#.WVP_gluQzIU. Acessado em: 28 jun. 2017.

HUDSON, Alan. Toward the systematic study of diglossia. *Southwest Journal of Linguistics*, 7, p. 5-15, 1991.

IFECHLOBI, Jane. An Analysis of the Use of Pidgin in Achebe's *A Man of the People*. *Journal Of Humanities And Social Science*, p. 1-5, Janeiro 2016.

JAMES, Marlon. *A Brief History of Seven Killings*. Riverhead Books, 2014.

JAMES, Marlon. Marlon James interview: 'I didn't want to fall into a pornography of violence'. *The Telegraph*, 13 out. 2015. Entrevista a Chris Harvey.

JAMES, Marlon. Reading, writing, religion. *The Caribbean Review of Books*, nov. 2006. Entrevista a Annie Paul

JETTKA, Daniel. *The Language Situation of Jamaica: Language Education Policy in the tension between Standard Jamaican English and Jamaican Patwa*, 2010.

KAKUTANI, Michiko. Jamaica via a Sea of Voices. *The New York Times*, 21 set. 2014. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/09/22/books/marlon-james-a-brief-history-of-seven-killings.html>. Acessado em: 26 jun. 2017.

KNAPIK, Aleksandra. *On the Origins of Pidgins and Creoles Languages: An Outline*, 2009.

MADDEN, Ruby. *The Historical and Culture Aspects of Jamaican Patois*, 2009.

MILLER, Kei. *A Brief History of Seven Killings* by Marlon James review – bloody conflicts in 70s Jamaica. *The Guardian*, 10 dez. 2014. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/books/2014/dec/10/brief-history-of-seven-killings-marlon-james-review>. Acessado em: 26 jun. 2017.

NÝVLT, Zdeněk. *Jamaican Creole: Its Continuity in the United Kingdom*, 2012.

PATRICK, Peter. L. *Jamaican Creole morphology and syntax. A Handbook of Varieties of English. Vol 2: Morphology and Syntax*. 2004.

PEREIRA, Fernanda. A. *Literatura e política: a representação das elites pós-coloniais africanas em Chinua Achebe e Pepetela*. Belo Horizonte: 2012.

PIETER MUYSKEN, NORVAL SMITH. *The Study of Pidgin And Creole Languages. Pidgins And Creoles*, p. 3-14, 1994.

RODRIGUES, Ângela. L. *A Língua Inglesa na África: opressão, negociação, resistência*. 2011.

SAID, Edward. W. *Orientalism*. In: BILL ASHCROFT, G. G. H. T. *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995. p. 87-91.

SCHNEIDER, Edgar. W. *Contact Englishes and Creoles in the Caribbean. The Handbook of Language Contact*. 2013.

The Language Competence Survey of Jamaica. Data Analysis. University of the West Indies. Mona. 2007.

THOMASON, Sarah. G. *Language Contact: An Introduction*. Georgetown University Press, 2001. 2001 p.

ZABUS, Chantal. J. *The African Palimpsest: Indigenization of Language in the West African Europhone Novel*. Rodopi, 2007.